

## REFLEXÃO SOBRE O RACISMO

### *REFLECTION ON RACISM*

José João Neves Barbosa Vicente<sup>1</sup>  
Maria Félix Lopes da Rocha<sup>2</sup>

#### RESUMO

A proposta neste ensaio é fazer uma reflexão sobre o problema do racismo que insiste em permanecer entre nós, apesar de não produzir absolutamente nenhum bem para a sociedade como um todo. Nesse sentido, queremos argumentar que o racismo, mesmo sem qualquer fundamento sólido que justifique a sua existência, ele encontra-se presente por toda parte, os homens dos quatro cantos do planeta insistem em cultivá-lo de geração em geração, transformando-o em uma doença que infecta toda a nossa cultura, penetrando em todos os segmentos sociais. Diante desse cenário, entende-se que refletir sobre esse mal da sociedade denominado de racismo, assim como discuti-lo abertamente, pode ser um remédio eficaz para combatê-lo e impedir a sua nefasta propagação entre gerações; apesar de ser um fenômeno mundial, é importante que o racismo seja combatido por cada um de nós como ele se manifesta em cada cultura.

**PALAVRAS – CHAVE:** Homem; Educação; Cultura; Sociedade.

#### ABSTRACT

The proposal in this essay is to reflect on the problem of racism that insists on staying among us, although it doesn't produce absolutely any good for the whole society. In this regard, we argue about racism, even without any consistent bases to justify its existence, however, it is present in everywhere, men from any part of the planet wish to grow it, from generation to generation, turning it into a disease that infects our entire culture, it penetrates into society. In view of the current, it needs to reflect on this as well as discussing it can be an effective way to argue it and preventing its effects spread through generations; Despite being a worldwide phenomenon, it is important that racism be tackled by each of us as it manifests itself in every culture.

**KEYWORDS:** Man; Education; Culture; Society.

---

<sup>1</sup> Professor de Filosofia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB).

<sup>2</sup> Estudante de pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Bolsista PIBIC/CNPQ.

Em seus estudos sobre o tema do antissemitismo, Biletzky (1982, p.26) disse que grandes autores e pensadores como Darwin, Spencer, Tocqueville, Buber e Mill, por exemplo, sempre se referiram à humanidade como um todo e nunca admitiram a existência de raças superiores e inferiores ao longo das suas pesquisas e reflexões que tanto contribuíram para a compreensão das relações entre os homens no seio da sociedade. Pode-se afirmar que os homens são diferentes uns dos outros, principalmente quando se leva em consideração alguns fatores como, por exemplo, as circunstâncias regionais, condições geográficas, cultura e história, mas não se pode afirmar com fundamentos sólidos que existem “raças humanas” superiores ou privilegiadas que merecem desfrutar de certas vantagens sobre este ou aquele grupo humano específico. Nesse sentido, um pensamento que caminha nessa direção, no mínimo pretende construir um projeto político altamente “sofisticado” em defesa de certos interesses e espaços de ação e de poder no seio da sociedade estabelecida.

Para se avançar mais um pouco, pode-se dizer ainda que não se trata simplesmente de afirmar que é inadequado falar em termos de raças superiores, inferiores ou privilegiadas, mas é necessário que fique claro, também, que a própria ideia de “raça” é um assunto que pode gerar equívocos, como aconteceu, por exemplo, no século XIX, conforme estudos desenvolvido por Moore ( 2007, p.38). Ou seja, o século XIX, segundo o autor, equivocadamente fundamentou o “conceito de ‘raça’ na biologia”, e apenas no século XX esse equívoco foi esclarecido: “Raça não é um conceito que possa ser definido segundo critérios biológicos”. Desse modo, sua existência e significado só podem ser compreendidos como “uma construção sociopolítica” e jamais concebidos em termos biológicos ou naturais; ou ainda como disse Gillborn (2008, p.3), longe de ser um sistema fixo e natural de diferença genética, “raça” é um sistema de categorias socialmente construído e reforçado que constantemente é recriado e alterado com a interação humana. De acordo com este autor, é preciso que essa verdade seja constantemente divulgada, pois ainda existem vozes poderosas que repetem a falsidade de “raças humanas” separadas, fixas e determinísticas, como os políticos radicais e os “escritores” que afirmam existir algo em nossos “genes” que determina nossas diferenças intelectuais, aptidões para esportes ou comportamento criminoso.

Acredita-se que o nazismo, o regime político que dizimou milhões de seres humanos ao longo do século XX, pode ser um exemplo forte para se entender a existência e o significado da “raça” como uma construção sociopolítica. Para o seu líder maior, Hitler (1983, p.252), era necessário defender vigorosamente a existência da raça superior e sua “pureza” no intuito de preservar a “parte mais sadia da humanidade”, evitando assim o nascimento daquilo que, em suas palavras, eram “criaturas monstruosas, meio homem e meio macaco”. Essa ideia, no entanto, em sua origem e essência, nada tinha a ver com o conhecimento da existência da raça, ou com a fundamentação biológica ou natural da raça, mas sim estava diretamente ligada a um projeto audacioso que consistia em erguer uma política forte e radical na qual apenas a voz do “Chefe” representaria a voz de toda uma nação. Na verdade, Hitler estava consciente e convicto de que não havia nenhum motivo científico ou natural para se acreditar na existência de “raça” que ele sempre fez questão de chamar de “mito do século XX”.

Portanto, para Hitler, o conceito de raça como visto por ele, tinha um propósito claro, a saber, servir apenas como um artifício para impulsionar e justificar continuamente os seus propósitos políticos de dominação total, bem como os seus inúmeros assassinatos, principalmente contra o povo judeu; para dizer de outro modo, ele usou o conceito de raça exclusivamente para fundamentar e dar vida longa ao seu projeto totalitário de governo. Essa atitude de Hitler pode ser facilmente percebida em um trecho de uma declaração dada por ele a Rauschning e citado por Bodei (2000, p.120), ainda que tal trecho deva ser considerado com certo cuidado. Nessa declaração, o líder do nazismo alemão afirma que assim como os intelectuais, ele também sabe “que não existem raças no significado científico da palavra”, mas como um “político”, necessita “de uma noção” que lhe permite “romper uma ordem enraizada no mundo” e “contrapor à história a destruição da história”. Ou seja, para ele, a noção de raça era necessária para liberar “o mundo de seu passado histórico [...] até a fixação de uma nova ordem no mundo”; seu propósito com o conceito de raça, portanto, nada tinha a ver com as questões biológicas ou naturais, mas sim com as questões políticas e sociais, ou mais concretamente, com a dominação de um povo específico sobre todos os outros.

É preciso sublinhar com letras garrafais, que enquanto “raça” é uma construção sociopolítica, o “racismo” presente em todos os lugares é, nas palavras de Moore (2007,

p.38), “um fenômeno eminentemente histórico ligado a conflitos reais ocorridos na história dos povos”. Apesar de não possuir vida própria, ou qualquer sentido plausível em si mesmo, e sem nunca ter trazido qualquer benefício para a humanidade como um todo, ainda é necessário destacar que o racismo insiste em persistir entre os povos em suas mais diversas formas, seja como um projeto político e social consolidado, seja como um projeto político e social que busca a sua consolidação no seio da sociedade estabelecida, mas é preciso lutar para conter o seu avanço e evitar que ele contamine toda uma cultura, essa luta, no entanto, deve ser eficiente, mas também cautelosa, pois como observou Moore (2007, p.243), parece que o racismo domina totalmente os homens, “tanto nas interações interpessoais cotidianas quanto nos esforços pensados dirigidos a contê-lo ou a exorcizá-lo”. De todo modo, seja como for, não se pode admitir, portanto, a existência de uma prática cruel e desumana, cujo objetivo é conferir certo poder ou posição privilegiada a um determinado grupo sobre o outro, com base nos atributos físicos, culturais ou econômicos, e esse grupo, infelizmente ao longo da história, tem sido frequentemente “os povos negros”, como se eles fossem uma ameaça constante.

Portanto, apesar de não existir nenhum fundamento teórico sólido para se defender o racismo, ele existe no seio das sociedades como uma vontade de dominação social e política perversa e cruel funcionando perfeitamente, principalmente para aqueles grupos que ganham privilégios com tal prática, de um modo geral, parece que não está sendo possível livrar-se, como disse Moore (2007, p.243), da “monstruosidade criada por nós”. Não se pode negar, por exemplo, como disse Glass (2012, p.901), que o racismo existe e que ele “cria raças e mantém as pessoas dentro delas por meio de processos de ordenamento que distribuem privilégios sociais e benefícios econômicos e políticos”. Assim, em termos gerais, o racismo para Glass (2012, p.889), “se manifesta por toda complexa rede de culturas que constitui a nação”, a sua revelação na sociedade acontece de diversas formas, através de atitudes, sentimentos, ideias, crenças, “práticas institucionais discriminatórias” e por vários outros atos do cotidiano do indivíduo; o racismo parece estar presente de forma consistente em todos os lugares suscetíveis de relações humanas normais, inclusive no trabalho e na educação.

Esse mal denominado de racismo que insiste em persistir no seio das sociedades, porque certa minoria ainda consegue ver nele alguma vantagem ou privilégio, funciona

como uma terrível doença que infectou a cultura e todos parecem estar condenados a morrer, pois aquele que o pratica, parece estar doente ou com medo de alguma coisa, e aquele que sofre desse mal, não é doente, mas pode se adoecer, seja por acreditar que se trata de algo comum e corriqueiro, seja porque prefere fazer uma luta solitária que, muitas vezes, consiste simplesmente em ignorar tal prática. Entende-se que sem a união das forças, principalmente daqueles que conseguem enxergar o racismo como uma vontade social e política de dominação de certo grupo sobre outro, fica cada vez mais difícil encontrar um remédio eficaz capaz de combatê-lo adequadamente. Se de fato, o racismo pode ser compreendido como um projeto social e político de dominação e defesa de certos interesses e espaços de ação no seio da sociedade estabelecida, é preciso encontrar, também, um meio social e político de combatê-lo eficazmente. De nada adianta, portanto, negar a existência do racismo ou fingir que ele não existe ou que não há nada a se fazer, provavelmente uma atitude nesse sentido é, no mínimo, ingênua, ou simplesmente uma demonstração da incapacidade política de enxergar a realidade que rodeia a cada um que sofre com o mal do racismo. É necessário também ressaltar, que ficar em silêncio ou indiferente diante desse fato, pode ser um sinal de covardia, mas pensá-lo e discuti-lo abertamente, principalmente nos espaços sociais e políticos onde ele tem maior força, pode ser um bom remédio para combatê-lo, bem como para impedir o seu avanço e a sua propagação entre as gerações futuras, ou até mesmo, quem sabe, erradicá-lo de uma vez por todas.

Quando se fala em racismo, é importante esclarecer que não se trata de algo ou fenômeno exclusivo do nosso tempo, mas sim um produto de uma longa história e de diferentes reformulações sempre carregado de ódio e de crueldade, cada uma alimentando o “ego” e os interesses específicos daqueles que utilizaram e ainda utilizam dessa prática não apenas para se sentirem “superiores” diante do outro, mas também para conseguirem vantagens e privilégios específicos, sejam eles políticos, econômicos, sociais ou religiosos. Uma vez que o racismo é uma prática antiga, ou como disse Foucault (1996, p.205), “existe desde muito tempo”, pode-se dizer que se é fácil encontrá-lo por todos os lados nas sociedades contemporâneas, não é difícil percebê-lo sob diversas formas nas várias civilizações humanas ao longo da história, mas o objetivo deste texto não é narrar o tempo da existência do racismo nas sociedades humanas e nem descrever as suas várias formas ao longo da história, não se pretende

também mergulhar na história para buscar suas raízes entre os gregos e romanos, ou em um período ainda mais longínquo, como por exemplo, os conflitos entre povos melanodérmicos e leucodérmicos nas regiões onde eles conviveram, o interesse aqui é fazer apenas uma reflexão preliminar sobre o racismo, cuja tendência é transformar “o sujeito” em “coisa”, negando a própria humanidade de suas vítimas para intimidá-las e dominá-las, na tentativa de diminuir os seus espaços de atuação social e política. Como observou Bonnett (2000, p.177-180), o século XX foi, sem dúvida, testemunha de vários exemplos de ódio racial e dominação, da exclusão étnica e marginalização, de guerras sem iguais, conquistas e genocídios. Se estamos dispostos a proporcionar o século XXI um destino totalmente diferente, precisamos estar dispostos a enfrentar e combater o desenvolvimento e a difusão de atitudes e práticas racistas no seio da sociedade na qual estamos inseridos, pois nada se resolve simplesmente porque estamos informados sobre alguns avanços em relação à compreensão dos conceitos de raça e do racismo, é verdade que praticamente ninguém acredita na “hierarquia biológica”, mas não é menos verdade também que muitos acreditam que é irrelevante lutar contra o racismo.

O nosso século nos brinda com um acesso às informações nunca antes visto na história da humanidade, e apresenta uma vasta gama de descobertas efetuadas nos vários campos do saber, mas infelizmente, é preciso dizer que saber por si só não funciona como uma arma de luta contra a prática do racismo, muitas vezes o conhecimento serve, inclusive, para perpetuar, radicalizar ou camuflar tal prática. Aqueles que praticam o racismo, certamente não podem ser classificados de ignorantes, pois conhecem o que fazem e sabem qual é o objetivo que almejam, para eles, não há dúvida, por exemplo, de que somos todos seres humanos, independentemente da aparência física, condições econômicas, crença, cultura ou lugar que cada um ocupa na sociedade, mas em nome de vantagens e privilégios, não se hesitam em contrariar tal ideia. É por isso que ainda hoje, por exemplo, como disse Costa Pinto, conforme citação de Gomes (2008, p.248), “a situação econômica continua sendo fator de discriminação sofrida pelo negro”, e mesmo aqueles “que ascendem encontram obstáculos e impedimentos na porta de carreiras, instituições, ambientes sociais e tantas outras esferas de convivência com os brancos”.

A prática do racismo, portanto, resiste porque ela funciona como um poderoso combustível capaz de fazer funcionar os interesses ideológicos daqueles que pretendem dominar não apenas os outros, mas também alguns setores da sociedade considerados por eles de estratégicos. Como disse Moore (2007, p.283), “o racismo surgiu e se desenvolveu em torno da luta pela posse e a preservação monopolista dos recursos vitais da sociedade”, e é inútil discuti-lo “sem remeter aos custos e benefícios que ele implica para todos os seguimentos e atores sociais que compõem as sociedades e nações historicamente racionalizadas”, nesse sentido, ainda de acordo com as observações de Moore (2007, p.284), o racismo abrange “todas as instâncias de funcionamento do mundo, tanto na economia como na política, na cultura e na militar”, e ele limita “para alguns, segundo seu fenótipo, as vantagens, benefícios e liberdades que a sociedade outorga livremente a outros”, por isso para combatê-lo, não basta apenas identificá-lo e denunciá-lo, mas é preciso torná-lo publicamente um objeto constante de debate político e social.

Portanto se o racismo, como disse Glass (2012, p.888) e Hall (2003, p332), deve ser entendido como “uma formação ideológica”, ou algo com “dimensões críticas e ideológicas”, isto é, inventado e perpetuado pelo próprio homem com o intuito de atender aos interesses de certos grupos, significa, então, que é possível combatê-lo e, talvez, derrotá-lo, sem ter que destruir o próprio homem; mas com qual arma? Essa é uma pergunta que precisa estar sempre presente na cabeça de todos aqueles que lutam ou que pretendem lutar contra o racismo. A educação, por exemplo, pode ser essa arma, mas é preciso cuidado para que ela não seja elaborada e praticada com um viés racista, pois o racismo pode compor ou até mesmo estruturar sentidos educacionais. Às vezes, o racista e aquele que luta contra o racismo, podem ser a mesma pessoa, ou como disse Bonnett (2000, p.177-180), o indivíduo que luta contra a intolerância e a discriminação raciais, também pode ser o mesmo que acredita na hierarquia racial e/ou social e na superioridade do Ocidente. De todo modo, diz Bonnett (2000, p.3), uma coisa é certa, é necessário um esforço conjunto no sentido de encontrar “formas de pensamentos” ou “práticas” capazes não apenas de identificar e enfrentar o racismo, mas também de combatê-lo no intuito de eliminá-lo, pois como sublinhou Perry (2007, XI), ele encontra-se presente na “maioria das nações modernas” em formas e versões diversas.

Portanto, se é verdade que não há fundamentos teóricos sólidos para a prática do racismo, mas apenas interesses sociais e políticos de alguns grupos, e se a educação pode ser de fato um meio decisivo para combatê-lo com eficácia, certamente não é menos verdade também que tal educação precisa ainda ser descoberta e praticada em todos os níveis de ensino, sem deixar de lado, por exemplo, a educação infantil; pois quanto mais cedo se aprende o sentido e o significado das coisas, mais chance o indivíduo tem de não errar e de se inserir na sociedade respeitando as diferenças de cada um, afinal, nossas diferenças não nos diminuem em relação aos outros, mas nos fazem seres únicos e ao mesmo tempo iguais; isso deve ficar claro para o indivíduo, não apenas como uma simples ideia ou teoria, mas fundamentalmente como uma realidade presente nas práticas diárias da sua vida. Por isso é preciso reforçar que tal educação, certamente não será pautada nos longos debates calorosos que, em termos gerais, servem muito mais para camuflar e obscurecer a questão, do que enfrentá-la corajosamente no sentido de superá-la. É preciso parar de culpar o passado ou o presente e enfrentar e combater o problema em si, como uma realidade atual, parece que para superar o racismo é necessário uma transformação radical de cada indivíduo; como disse Baldwin, de acordo com a citação de Glass (2012, p.883), “se eu não sou o que me falaram que eu sou, então isso significa que você não é o que você também pensou que era”. O problema deve ser encarado não no sentido de caça às bruxas; como disse Eisenstein (2004, p.133), em uma luta contra o racismo, a pele branca não pode ser considerada necessariamente o inimigo, mas as pessoas que praticam o racismo devem ser tomadas como um problema; uma luta contra o racismo, jamais deve ser uma luta contra uma pessoa simplesmente porque ela é branca, mas deve ser contra o racista, além disso, o problema racial deve ser encarado para além de um problema exclusivamente do negro, mas como um problema humano, um problema da humanidade.

A questão, portanto, não é determinar quem é melhor ou quem é pior, quem é superior ou quem é inferior, mas esclarecer que todos nós somos simplesmente seres humanos, nada mais do que isso. E qualquer ideia proveniente de qualquer grupo humano que tende a defender que certo grupo deve obter vantagens e privilégios sobre os outros, ou que afirma e defende a existência de ser humano superior, inferior, melhor ou pior do que o outro, a partir da sua característica física, suas condições sociais e



econômicas, sua localização geográfica ou suas crenças religiosas, deve ser sistematicamente combatida e rejeitada, pois ela afeta a todos de forma negativa, contrariando veemente aquilo que nós somos. Como disse Fanon (2008, p.191), “o preto não é. Não mais do que o branco. Todos os dois têm de se afastar das vozes desumanas de seus ancestrais respectivos, a fim de que nasça uma autêntica comunicação”.

## REFERÊNCIAS

BILETZKY, Eliyahu. *Antissionismo: nova face do antissemitismo*. Trad. Keila Litvak. São Paulo: B’naib’uth, 1982.

BODEI, Remo. *A filosofia do século XX*. Trad. Modesto Florenzano. São Paulo: EDUSC, 2000.

BONNETT, Alastair. *Anti-racism*. London: Routledge, 2000.

EISENSTEIN, Zillah. *Against empire: feminisms, racism, and the west*. London: Zed Books, 2004

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Genealogia del racismo*. Trad. Alfredo Tzveibel. La Plata: Altamira, 1996.

GILLBORN, David. *Racism and education: coincidence or conspiracy?* New York: Routledge, 2008.

GLASS, Ronald. Entendendo raça e racismo: por uma educação racialmente crítica e antirracista. Trad. Celina Frade. *Estudos RBEP*, p.883-913, 2012.

GOMES, Nilma Lino. *Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

HALL, Stuart. A relevância de Gramsci para o estudo de raça e etnicidade. In: SOVIK, Liv (Org.). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HITLER, Adolf. *Minha luta*. Trad. (?). São Paulo: Editora Moraes, 1983.

MOORE, Carlos. *Racismo & sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo*. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

PERRY, Richard. *“Race” and racism: the development of modern racism in America*. New York: Palgrave Macmillan, 2007.

*Recebido em 21/05/2016*  
*Aceito em 31/07/2016*